

A VIDA DE ROBERT MURRAY M'CHEYNE

— Innes MacRae —

EC

A VIDA DE ROBERT MURRAY M'CHEYNE

INNES MACRAE

Traduzido do original em Inglês

The Life of M'Cheyne

By Innes MacRae

Via: Reformation-Scotland.org.uk

Traduzido por Camila Almeida

Revisão e Capa por William Teixeira

1ª Edição: Março de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

A Vida de Robert Murray M'Cheyne

Por Innes MacRae

Pode certamente haver poucos volumes fora da Sagrada Escritura que tiveram tão poderosa influência para o bem do povo de Deus, como o tem feito a obra clássica de Andrew Bonar: "*The Memoir and Remains of Robert Murray M'Cheyne"* [A Memória e Lembranças de Robert Murray M'Cheyne]. Muitos milhares de cópias deste singular clássico devocional foram vendidos e eles têm encontrado o seu curso em inúmeros países. É um livro ainda estimado por crentes de discernimento em todos os ramos da verdadeira igreja. Eu devo a esta obra, eu mesmo, uma dívida incalculável. Uma cópia antiga que pertenceu à minha avó tornou-se a minha leitura regular de Sabbath assim que eu me tornei vitalmente interessado no evangelho, enquanto eu ainda estava na escola. E eu creio que não há nenhum livro, além da Bíblia, que tem sido uma bênção maior em minha própria experiência Cristã. Esse livro continua sendo a nossa principal fonte de informação em qualquer estudo sobre a vida e ministério de M'Cheyne. Há outras obras, como a biografia do Dr. Alexander Smellie, publicado em 1913 no centenário do nascimento de M'Cheyne. Mesmo úteis como são essas obras, elas nunca podem substituir "Memória e Lembranças".

Proponho-me dar um resumo da vida de M'Cheyne, e em seguida, tentar destacar as principais características de sua vida piedosa e ministério.

Robert M'Cheyne nasceu em 21 maio de 1813, em Dublin, Rua 14, na zona sul de Edimburgo. Seus pais vieram para a capital de Dumfries-shire. Seu pai, Adam M'Cheyne, era um advogado, um escritor para o *Signet*, e ele era claramente um homem de recursos consideráveis. Quando Robert, que era o caçula de cinco, tinha seis anos de idade, a família se mudou para Rua Queen, 56. Aqueles de vocês que conhecem esta famosa rua de Edimburgo perceberão imediatamente que seu pai deve ter sido um homem de consi-derável riqueza, pois os pobres não adquirem casas na Rua Queen. Embora os próprios M'Cheyne´s parecem ter sido pessoas piedosas, eles eram ligados a mais de uma igreja de Edimburgo, em que a terrível praga do moderatismo[1] estava negando ao povo o verdadeiro Evangelho. Depois que saiu de casa, Robert M'Cheyne pediu frequentemente aos pais que procurassem um ministério completamente Evangélico. Eventualmente, eles se estabeleceram em São Lucas, onde se beneficiaram do ministério fiel de Alexander Moody Stewart. Nessa congregação Adam M'Cheyne tornou-se um Presbítero.

_____

[1] Do original: Moderatism, uma moderação nas doutrinas ou opinões, especialmente na polícia e religião – N. T. (TheFreeDictionary.com)

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

A infância de Robert Murray M'Cheyne foi feliz. Em 1821 ele entrou para o famoso *High School of Edinburgh*, onde ele realizou bem os seus estudos. Ele mudou-se para a Universidade de Edimburgo, em 1827, onde, mais uma vez, ele mostrou-se um aluno capaz e diligente. Ele tinha muitos dons, escrevia poesia, ele era um artista talentoso, ele cantava bem e foi um bom ginasta. Ele sempre levou uma vida exteriormente correta, mas ele passou a considerar esses dias como dias de mundanismo e impiedade. Ele tornou-se como um fariseu moderno, confiando em sua própria moralidade exterior. Ele tinha um irmão mais velho chamado David, que seguiu os passos de seu pais e ingressou na profissão de advogado. David era um Cristão devoto e profundamente exercitado, que muitas vezes falou com seu irmão mais novo sobre a sua necessidade espiritual. Ele iria recomendar Cristo a ele.

E oh! Lembrar da expressão de fé sincera,
Com que este olho investigará a página
Que nos fala sobre o ofendido Deus apaziguado
Por meio do terrível sacrifício na cruz
Do Calvário, que nos convida a deixar um mundo
Imerso nas trevas e morte, e buscar
Um país melhor. Ah! quantas vezes este olho
Poderia voltar para mim, com o mais terno olhar de piedade,
E, em apenas meia-repreensão, ordena-me a fugir
Dos ídolos vãos do meu coração de menino!

Havia uma relação muito estreita entre David e Robert M'Cheyne; mas David morreu em julho de 1831. Robert tinha 18 anos na época e ficou profundamente angustiado. No propósito soberano de Deus, a morte de seu irmão foi usada para trazê-lo à preocupação de sua própria alma. Ele não havia experimentado de uma vez a terrível e angustiante convic-ção de pecado, mas a partir do dia da morte de seu irmão, seus amigos notaram uma nova seriedade nele. Em 8 de julho de 1842, ele escreveu em uma carta: "Neste dia, há onze anos, eu perdi meu amado e amoroso irmão, e começei a buscar um Irmão que não pode morrer".

Ele mesmo acreditava que isso foi "A Suma do Conhecimento Salvífico", que está muitas vezes vinculado com a Confissão de Fé, que deu-lhe uma compreensão clara do caminho da salvação: "a obra que eu acho que primeiramente operou uma mudança salvadora em mim" é a forma como ele se referiu a isso algum tempo depois.

No final de 1831 ele ingressou em *Divinity Hall*, em Edimburgo, onde o Dr. Thomas Chalmers era um de seus professores. Ocasionalmente, no entanto, ele ainda retornou aos caminhos mundanos. Sua consciência o perturbava sobre isso. Em 10 de março de 1832, ele escreveu: "Eu espero nunca jogar cartas novamente". Um mês depois, ele escreveu: "abs-

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

tive-me da dança; censuras difíceis de suportar. Mas devo tentar carregar a cruz". Ele estava aprendendo a repudiar os prazeres do mundo em favor dos deleites superiores que ele estava encontrando no Senhor Jesus Cristo.

Com seu amigo, Alexander Somerville, ele participava regularmente da Igreja do Norte, onde havia um ministério verdadeiramente Evangélico. Ele foi se tornando mais e mais consciente da corrupção do seu coração, ainda em 7 de maio de 1832, ele poderia escrever: "Muita paz. Olhe para trás, minh'alma, e veja o ânimo que pertencia a ti, há apenas doze meses, minh'alma, o teu lugar é no pó!". M'Cheyne passou quatro anos em *Divinity Hall*. Foram anos de crescimento espiritual; anos de estudo diligente e anos de trabalho evangelístico ativo. Em seu diário, ele escreveu no Sabath, 23 de fevereiro: "Levantei cedo para buscar a Deus, e encontrei Aquele a quem ama a minha alma. Quem não gostaria de levantar cedo para encontrar tal companhia?". Ele estava cultivando esses hábitos disciplinados de estudo devocional da Palavra de Deus, da oração secreta fervorosa, de buscar o autoexame e do esforço incessante por santidade pessoal, que seriam tão marcantes características dos sete anos e meio de seu ministério.

Ele iniciou seus labores ministeriais em novembro de 1835, quando se tornou assistente do Rev. John Bonar, em Larbert e Dunipace. Ele passou 10 meses ali. Frequentemente ele pregou três vezes no Sabath. Ele era meticuloso em sua visita sistemática na industrializada Larbert e na rural Dunipace. Havia 710 famílias, cerca de 6.000 almas a serem alcançadas, e o piedoso Sr. Bonar e seu jovem e sério assistente trabalharam mui diligentemente. M'Cheyne era escrupulosamente cuidadoso com o cultivo de sua própria alma antes de pregar ou visitar. Ele levantava-se cedo para cantar um salmo, estudar a Palavra e orar. Ele tinha um intenso desejo de conhecer melhor as Escrituras. Seu biógrafo diz: "Desde o começo, ele alimentou os outros com aquilo que ele próprio estava alimentando-se. Seu ensinamento foi de uma forma o desenvolvimento da experiência da sua alma. Este brotava de sua vida interior. Ele amava subir dos pastos em que o Supremo Pastor o encontrava, para liderar o rebanho confiado aos seus cuidados aos lugares aonde ele encontrou alimento".

M'Cheyne foi ordenado e empossado à responsabilidade de São Pedro, Dundee, em 24 novembro 1836. São Pedro era uma nova igreja construída como parte do Sistema de Extensão da Igreja. Ela deveria atender a uma paróquia de cerca de 4.000 pessoas trabalhadoras, muitas das quais nunca cruzaram o limiar de qualquer igreja. Em seu primeiro Sabath, ele pregou a partir de Isaías 61:1-3. "O Espírito do Senhor Deus está sobre mim para pregar boas novas", etc. Esse primeiro sermão foi abençoado para a salvação de muitos. Esse sempre foi o seu texto no aniversário de sua ordenação. Ele considerava a sua vocação, com uma seriedade terrível. As pessoas eram afetadas pela sua própria aparência an-

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

tes mesmo que ele abrisse os lábios. Nunca houve qualquer leveza na sacristia, antes que ele entrasse no púlpito. Ele era extremamente gentil e gracioso, mas, ninguém pôde deixar de observar sua reverência solene em seu trabalho público.

Seus primeiros anos em Dundee foram anos de crescimento notável em sua própria alma. Embora fosse extremamente ocupado, ele deu atenção exigente ao alimento de sua própria alma. Ele acordava cedo, e fez de sua regra invariável buscar a face de Deus antes mesmo de ele visse o rosto do homem. Ele lia pelo menos três capítulos da Palavra de Deus, antes do café. Às vezes ia para as ruínas da igreja em Invergowrie para meditação silenciosa. Ele estava sempre preocupado com seu estado espiritual e desejava estar desfrutando de Deus todo o dia.

Desde o início de seu ministério, ele teve 1.100 ouvintes em seus serviços. Muitos vinham de outras partes da cidade. Sua pregação era extremamente lúcida e direta. Ele declarava fielmente as doutrinas da depravação pela Queda, da redenção pelo sangue, e da regeneração pelo Espírito. Sua pregação sempre dirigia os pecadores ao próprio Cristo. “É singular”, escreveu ele, “quão doce e precioso é pregar diretamente sobre Cristo em comparação com todos os outros assuntos da pregação”. Havia uma unção peculiar em sua pregação. Sua preocupação com a salvação do seu povo era evidente aos olhos de todos, e muitos eram seus apelos afetuosos com eles para apegarem-se a Cristo. Ele sempre encorajou aqueles que estavam preocupados com suas almas a visitá-lo, e ele lidava muito clara e diretamente com eles. Para uma mulher, ele disse antes que ela o deixasse: “Você é um verme miserável e vil; é uma maravilha que a terra não abra sua boca e engula você”. Suas palavras foram usadas para trazê-la à profunda convicção de pecado, o que continuou por três meses, até que ela encontrou a paz quando Deus abençoou a ela um dos próprios sermões de M’Cheyne.

Muitos foram convertidos naqueles primeiros anos, e o povo de Deus foi revigorado e conduzido no caminho da santidade. Ele iniciou uma reunião de oração nas noites de quinta-feira, que algumas vezes atraia cerca de 800 pessoas. Ele tinha classes para os jovens, e para aqueles que tencionavam a admissão à Mesa do Senhor. Ele procurou visitar todas as casas da paróquia. Muitas vezes, depois de visitar doze ou mais casas, ele voltaria à noite e falava com as pessoas em algum lugar em que elas se reuniam, ou alguma porção de propriedade coletiva, na parte externa. Ele pregou em muitas outras paróquias, quase nunca recusando um convite para pregar em uma noite de semana. Ele também teve de suportar muita afronta de ministros não-Evangélicos, e notoriamente ímpios. Até o final de 1838, ele esteve mui gravemente doente, e, eventual e relutantemente, teve que voltar a Edimburgo para um período de descanso.

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

Foi o Dr. Candlish que primeiro concebeu a ideia de mandá-lo para a Palestina com alguns outros ministros em uma missão de reconhecimento para uma missão entre os judeus. Esperava-se que uma expedição seria benéfica para sua saúde, e que uma grande quantidade de informações úteis seria acumulada. Ele estava, de qualquer forma, profundamente interessado no trabalho missionário e particularmente preocupado com a evangelização dos judeus. Assim, M'Cheyne e seu amigo Andrew Bonar, acompanhados por dois ministros mais velhos, o Dr. Keith e o Dr. Black, deixaram Londres rumo à Palestina, em março 1839, e voltaram para casa em novembro. O relato da expedição é fascinante. Foi uma investigação extremamente útil e levou a um trabalho entre o povo judeu que continua até hoje.

M'Cheyne estava, claro, preocupado que o evangelho puro fosse pregado ao seu povo, enquanto ele estivesse no exterior e convidou William C. Burns, o filho do ministro de Kilsyth, para ocupar o púlpito em sua ausência. O jovem William Burns era um pregador profundamente devoto e mui sério. Por temperamento, ele e M'Cheyne eram muito diferentes, mas eles eram semelhantes em sua incessante busca por santidade pessoal e em seu ardente desejo pela salvação das almas.

Em julho, Burns estava ajudando seu pai na Temporada de Comunhão, em Kilsyth. Nada muito incomum ocorreu nos serviços do fim de semana. Tal era o desejo do jovem, no entanto, pela salvação dessas pessoas entre as quais ele havia crescido, que ele anunciou que pregaria para eles novamente na manhã de terça-feira. Isso foi em 23 de julho, uma manhã, estabelecida desde toda a eternidade nos conselhos de Jeová como uma época na história da redenção. Deus abençoou a pregação do jovem ministro de uma forma maravilhosa naquele dia. O reavivamento veio a Kilsyth.

Não poderia haver nenhuma questão sobre Burns voltar naquela noite para Dundee. Nos dias que se seguiram muitos foram levados à grande preocupação espiritual, irrompendo em lágrimas e lamentos, enquanto procuravam a paz com Deus. Muitos entraram em paz e liberdade evangélicas. Era o início de um período de bênção maravilhosa em muitas partes da Escócia. Burns voltou para Dundee, no dia 8 de agosto. Na reunião de oração da noite quinta-feira, ele falou sobre as obras maravilhosas do Senhor em Kilsyth e convidou que permanecessem aqueles que estavam preocupados com suas almas. Cerca de 100 pessoas permaneceram. Eu cito: "Na conclusão de um discurso solene às suas almas ansiosas, de repente, o poder de Deus pareceu descer, e todos foram banhados em lágrimas". Houve uma grande bênção em um serviço na noite seguinte, e assim o avivamento continuou dia após dia.

A igreja tornou-se pequena demais para as congregações que se reuniam e os serviços

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

tiveram que ser realizados ao ar livre. Às vezes, trinta ou quarenta vinham a Burns, no mesmo dia, perguntando sobre o caminho da salvação. O reavivamento tinha vindo à congregação em que M'Cheyne havia trabalhado tão diligentemente e para a qual ele pleiteou tão constantemente, e quando ele chegou, ainda não sabia de nada. Ele estava repousan-do, gravemente doente, com febre, no sopé do Monte Líbano, e de fato, em sua posterior viagem a Esmirna, estave às portas da morte. Isso não demonstra o trabalho soberano do Altíssimo? Ele mesmo escolhe os instrumentos através dos quais Ele conce-derá a bênção. Sua glória Ele não dará a outrem. Foi quando M'Cheyne e Bonar chegaram a Hamburgo, na viagem de volta, que ouviram as primeiras notícias sobre o avivamento na Escócia.

Em novembro M'Cheyne retornou a Dundee. Seu coração estava cheio de gratidão a Deus pela bênção dada em sua ausência. Ele estava totalmente livre de qualquer sentimento de inveja ou ciúme. "Eu não tenho nenhum desejo, senão a salvação de meu povo, por qualquer instrumento", disse ele. Na noite do mesmo dia em que ele chegou a Dundee, um serviço mui memorável foi realizado em São Pedro. Ele pregou ao seu povo a partir de 1 Coríntios 2:1-4.

"A Questão, a Forma e o que Acompanhava a Pregação de Paulo". Todos os assentos estavam ocupados. As pessoas ocuparam as passagens e os degraus do púlpito. Muitos ainda estavam sob convicção. Era um serviço mui memorável. Ele escreveu para o seu pai, "eu nunca preguei a tal audiência, tantos chorando, tantos à espera das palavras de vida eterna. Eu nunca ouvi tal canto doce em qualquer lugar, tão terno e comovente, como se as pessoas sentissem estar louvando a um Deus presente. Quando sai, pela primeira vez, todo o caminho para igreja estava cheio de velhos e jovens, e eu tive que apertar as mãos de vinte de cada vez. Uma multidão seguiu à minha porta, de modo que eu tinha que falar com eles novamente antes de despedi-los. Há, evidentemente, uma grande mudança sobre as pessoas aqui, e embora seja de se esperar que muitos estão despertados e entusiasmados apenas de forma natural, ainda assim, eu vejo muitos em que eu me sinto confiante que estejam salvificamente transaformados".

O fluxo da bênção continuou a fluir enquanto M'Cheyne pregava ao seu povo. O transbordamento do rio diminuiu, porém muitos ainda estavam ansiosos para aprender e experimentar a salvação de Deus. Em um de seus cadernos, ele registra que pelo menos 400 pessoas o visitaram entre 1839 e 1843 preocupados com suas almas. Ele tornou-se muito atento e exigente ao lidar com os inquiridores. Enquanto ele era sempre muito com-passivo, ele era muito consciente de que as pessoas poderiam ser enganadas por seus próprios corações. Ele não queria que ninguém tivesse uma falsa paz. E assim, Robert Murray M'Cheyne continuou com seus trabalhos incessantes em Dundee e em muitos outros

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

lugares, até que ele sucumbiu ao Tifo. No sábado, 25 de marco de 1843, ele partiu para estar com o seu Amado naquela terra que é mais clara do que o dia.

Gostaria agora de destacar algumas das principais características da vida e do ministério deste homem notável:

Em primeiro lugar, há o anseio por santidade. Isso, eu diria, é a característica mais proeminente de sua vida Cristã. Ele sempre foi desejoso de ser mais santo. Em cartas a ami-gos íntimos, ele contava quão frequentemente ele orou: “Para ser feito tão santo quanto um pecador perdoado pode ser”. Muitas de suas cartas revelam suas aspirações por santidade. Andrew Bonar nos diz que ele, Bonar, foi muitas vezes repreendido naquela expedição à Terra Santa pela inabalável atenção de seu amigo pela santidade pessoal. Considere estas palavras tiradas de seu próprio coração e vida, escritas não muito tempo antes de morrer, e intituladas Reformação: “Eu devo examinar os meus sonhos, meus pensamentos flutuantes, minhas predileções, minhas ações muitas vezes recorrentes, os meus hábitos de pensamento, sentimentos, fala e ação; as calúnias de meus inimigos e as reprovações e até mesmo gracejos de meus amigos, para descobrir traços de meu pecado prevalecente, e isto como uma questão de confissão. Eu devo estabelecer um dia de confissão, com jejum, digamos, uma vez por mês. Eu devo ter um número de registros destacados, para trazer o pecado à lembrança. Eu devo fazer uso de toda a aflição física, tribulações domésticas, carrancas da providência sobre mim mesmo, casa, paróquia, igreja ou país, como apelos de Deus para confessar o pecado”. Quando você lê essas palavras, pode se maravilhar que seus companheiros preferidos eram Samuel Rutherford, Jonathan Edwards e David Brainerd? Ele era de mesma natureza. Oh, que tivéssemos tais aspirações intensas por conformidade com a semelhança do Senhor Jesus!

M’Cheyne teve um intenso amor pela Palavra de Deus. Ele tinha um desejo insaciável por uma maior familiaridade com a Palavra escrita. No entanto, era para o bem da sua alma que ele tão diligentemente estudava. Ele jamais a estudava tendo em vista a preparação de sermões, até que ele tivesse alimentado a sua alma em suas ricas pastagens. Para Mrs. Thaine que, se ele tivesse vivido, poderia muito bem ter sido a sua sogra, ele enviou uma nota agradecendo-lhe por uma Bíblia que ela lhe enviou antes de partir para a Palestina. Nessa carta, ele escreveu: “Todas as minhas ideias sobre paz e alegria estão ligadas com a minha Bíblia, e eu não daria as horas de conversa secreta com ela por todas as outras horas que eu gasto neste mundo”. Qualquer coisa que o ajudasse a compreender melhor a Escritura, ele valorizava muito. Ele levava consigo, na viagem ao Mediterrâneo, algumas anotações que Andrew Bonar fizera em Levítico. Notas estas que, sem dúvida, serviram de base para os comentários de Bonar sobre esse livro. Você, eu, temos tanto apetite pelas Escrituras?

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

Grande era a devoção de M'Cheyne. Todas as suas manhãs começavam com oração secreta. Após o café da manhã, havia a oração em família. Lemos sobre o seu tempo tomado após o chá para a oração. Ele orava em segredo e ele orava com seus amigos. Ele e vários de seus colegas ministros concordavam com uma combinação de oração. Eles passariam tempo em oração uns pelos outros, todos os Sábados à noite. Quando uma vez lhe foi perguntado se a pressão do trabalho alguma vez fez com que ele negligenciasse o período de oração, ele respondeu que não estava ciente de isto já houvesse acontecido.

Quanto mais santificado um crente se torna, mais ele se torna consciente de sua própria pecaminosidade. Quanto mais ele se aproxima da Luz, mais esta Luz mostra a sua própria escuridão. Em uma carta a uma alma em busca de Jesus, M'Cheyne cita outro alguém que diz: "Eu não sei como expressar melhor o que os meus pecados me parecem senão amontoando infinito sobre infinito, e multiplicando infinito sobre infinito". Ele confessou que seu próprio coração era como um abismo de corrupção. Seu senso de indignidade apenas fazia de Jeová Tsidkenu, o Senhor sua Justiça, mais precioso para ele.

Uma das características mais tristes do atual evangelicalismo é a sua prontidão para se comprometer com o mundo. Muito cedo em sua vida Cristã, M'Cheyne percebeu que deveria haver separação do mundo. Muitos de vocês se lembrarão das linhas que ele escreveu em 1832, quando ele ouviu falar sobre um relato de alguém havia determinado manter-se no mundo:

Ela escolheu o mundo,
E sua multidão insignificante,
Ela escolheu o mundo,
E uma mortalha sem fim!
Ela escolheu o mundo,
Com seus prazeres ilusórios,
Ela escolheu o mundo,
Em vez dos tesouros próprios do céu.

Ela, porém, lançou seu barco
No mar vertiginoso da vida,
E ela está completamente à deriva,
Pela eternidade.
Mas a estrela de Belém
Não está à sua vista,
E seu objetivo está distante
Do porto verdadeiro.

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

Ao escrever para uma alma despertada, insistindo que ela se apartasse do mundo, ele disse: “Você não viveu tempo suficiente no prazer? Venha experimentar os prazeres de Cristo: o perdão e um novo coração. Eu não estive em um baile ou quaisquer diversões mundanas por muitos anos, e ainda assim eu creio que eu tive mais prazer em um único dia, do que você teve em toda a sua vida”.

A paixão que consumia a vida de Robert Murray M’Cheyne era Cristo Jesus. Cristo era tudo para ele. Cristo era a sua justiça; Cristo era a fonte de sua santidade. “Não há nenhuma santidade verdadeira neste mundo, senão a que brota dEle”, diz ele em um sermão em Cantares de Salomão. “Um Cristo vivo é a fonte da santidade para todos os Seus membros. Enquanto nós O abraçamos, e não O deixamos partir, a nossa santidade está segura”, disse ele. Ele estava sempre em busca de um conhecimento mais profundo com Cristo, e incitando os outros a um conhecimento maior dEle. Todo sermão seu levava a Ele. “Para cada olhar para si mesmo”, escreveu a um amigo em Belfast, “olhe dez vezes para Cristo. Ele é totalmente desejável”. Foi seu amor por Cristo que o levou tantas vezes para o Cântico dos Cânticos. Ele pregou em quase todos os versos desse amável livro. Foi por causa de seu amor por Cristo que ele quase diariamente virava-se para as Cartas de Samuel Rutherford. Vivia sempre apoiado em seu Amado. Esse, certamente, é o segredo de uma vida santa.

Quão grandemente M’Cheyne amou o dia de Sabath. Ele não acreditava que alguém pudesse ser um verdadeiro Cristão e não amar o Dia do Senhor. Ele guardava o dia exclusivamente para o gozo da comunhão com o Senhor. Levantava-se cedo e ficava até tarde, para desfrutar de um longo dia com o Senhor. Bonar fala da indignação que ardia em seu semblante quando seus assistentes Árabes insistiam em sua passagem da aldeia egípcia onde estavam, ao invés de permanecerem ali sob algumas palmeiras. Nada prevaleceria sobre ele para continuar a viagem. O descanso de Sabath é tão necessário no deserto egípcio quanto na ocupada Dundee. Oh, que os Cristãos atuais tão rigorosamente e tão alegremente santificassem o Santo Dia de Deus!

Ao longo de sua vida Cristã M’Cheyne teve um profundo interesse pelo trabalho missionário. Manteve-se bem informado e orou pela obra missionária em outras terras. De particular interesse para ele era a evangelização de antigo povo de Deus, os judeus. Essa era uma das grandes paixões de sua vida. Ele viajou mais de uma vez para a Irlanda para promover o interesse desta obra. Ele acreditava que uma Igreja que estivesse levando o evangelho para os judeus, ela mesma, em grande medida, desfrutaria a bênção do Senhor: “Prosperarão aqueles que te amam” [Salmos 122:6].

Outra preocupação constante de M’Cheyne era sua determinação em se aperfeiçoar em meio às aflições. Ele conheceu muitas aflições de vários tipos em sua própria experiência.

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

Ele era de uma constituição muito delicada e estava frequentemente doente. Ele via todas as suas aflições como vindas da mão de um Pai amoroso, e estava sempre procurando aprender com as lições que o seu Deus estava lhe ensinando nelas. Suas cartas instam outros santos aflitos à humilde submissão, para que pudessem obter o máximo benefício a partir de um lidar do Pai Celestial com eles em Sua providência. Ele amava a Resolução de Edwards, “Resolvi progredir em aflição ao máximo” [Provavelmente este é um resumo da resolução de número 67].

Poucos homens podem alguma vez ter tido uma grande paixão pelas almas, como teve Robert Murray M’Cheyne. Ele era mui escrupuloso sobre o uso de todas as oportunidades para recomendar o Salvador aos seus companheiros pecadores. Ele nunca excluiria de um sermão algum ensinamento projetado para mostrar o caminho da salvação. Para W. C. Burns, ele escreveu: “Eu sinto que há duas coisas que seja impossível desejar com ardor suficiente: a santidade pessoal, e a honra de Cristo na salvação das almas”. Esse anseio pela salvação dos perdidos significava que ele servia a Cristo com um zelo ardente e santo. Ele estava convencido de que não viveria por muito tempo, e ele, portanto, fez o máximo em cada oportunidade.

Ele pregou poderosamente sobre a soberania de Deus. Para os Cristãos crentes, ele diz em um sermão: “Amém a Deus para todo o sempre, porque Ele vos escolheu volutariamente. Adorem a Jesus, que passou por milhões e morreu por vocês. Adorem o Espírito Santo, pois Ele veio por livre e soberana misericórdia, e despertou-lhes. Isso será um tema de louvores por toda a eternidade”.

Entretanto, ninguém enfatizou mais apaixonadamente a gratuidade do Evangelho. Leia o sermão Nº 5, de “Memória e Lembranças”: “A vós, ó homens, clamo; e a minha voz se dirige aos filhos dos homens” (Provérbios 8:4). “Se não houvesse outros textos em toda a Bíblia”, diz ele, “para incentivar os pecadores a virem livremente a Cristo, este único poderia persuadi-los. Não há assunto mais mal compreendido por almas não-convertidas do que a gratuidade de Cristo. Tão pequena ideia temos naturalmente da livre graça, que não podemos acreditar que Deus oferece um Salvador para nós enquanto estamos em uma condição ímpia, merecedora do inferno”.

“Oh”, diz ele, “é triste pensar como os homens argumentam contra a sua própria felicidade, e não crerão na própria Palavra de Deus”.

Sua compaixão e ternura foram muito marcantes. No entanto, ele alertou para o inferno nos termos muitíssimo claros. Em um sermão sobre a corrupção do coração humano, ele diz para os não-convertidos: “Todos os dias tenho visto vocês irem para cada vez mais longe

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

da santidade; para longe de Deus e para mais perto do inferno. Vocês estão entesourando ira para o dia da ira. Oh, que tesouro! Amontoando combustível para queimá-los por toda eternidade". Sua preocupação amorosa pelos pecadores fez com que ele falasse claramente.

E ele tinha um interesse amoroso pelos pecadores. Ele foi terno e carinhoso em seus apelos a eles. Quando Andrew Bonar lhe disse em uma ocasião que ele esteve pregando sobre o texto: "Os ímpios serão lançados no inferno", ele imediatamente perguntou-lhe: "Você foi capaz de pregá-lo com ternura?". Em outra ocasião, ele disse: "O homem que fala do inferno deve fazê-lo com lágrimas nos olhos". Um de seus Presbíteros, William Lamb, escreveu: "Quão belamente afetuosas eram as pregações de M'Cheyne, ele atraia você a Cristo". Outro escritor disse: "Sua solicitude pela salvação dos seus ouvintes o fez afetuoso, até mesmo além da sua ternura natural". Não é esta ternura uma qualidade que precisamos readquirir em nossa pregação hoje? As grandes doutrinas da Redenção devem ser proclamadas sem concessões. Elas também devem ser proclamadas de forma cativante.

Sua visão sobre o santo ministério é bem expressa em sua observação no momento do licenciamento em 1835. Quando já estava licenciado, ele disse: "um pregador do evangelho: uma honra que eu não posso nomear outra igual". Ele tinha um enorme senso da necessidade de santidade de vida nos ministros do Evangelho. Para um colega ministro, ele escreveu: "Não são os grandes talentos que Deus abençoa tanto quanto grande semelhança com Jesus. Um ministro santo é uma temível arma nas mãos de Deus". Ele amava pregar. Ele tinha o mesmo constrangimento sobre ele, como tinha Philip Henry, o pai do grande comentarista, Matthew Henry. Philip Henry disse que ele suplicaria a semana toda, se isso significava que ele poderia pregar no dia de Sabath. M'Cheyne escreveu: "A grande obra do ministro, na qual ele deve empenhar toda a força do corpo e da mente é a pregação. Fraca e tola quanto possa parecer, este é o grande instrumento que Deus colocou em nossas mãos pelo qual os pecadores são salvos...".

Muitos foram levados a uma compreensão clara da verdade como ela é em Jesus. M'Cheyne diz em algum lugar: "que uma marca da realidade da graça em um filho de Deus é o seu senso de pecado". Em uma carta que escreveu a um pecador despertado, ele conta como, ao escrever essa carta, ele foi interrompido por uma menina pequenininha, que esta-va chorando abundantemente. Ela chegara a perguntar: "O que eu devo fazer para ser salva?". Desde que uma colega lhe contara sobre seu ser despertada, ela havia procurado Cristo com todo seu coração. Ele escreveu um tratado para os jovens em sua congregação, intitulado "Para os Cordeiros do Rebanho". Nele, ele falou mui claramente: "Eu poderia chorar quando penso que muitos de vocês viverão uma vida de pecado, e morrerão uma morte de horror, e passarão a eternidade no inferno". E, novamente: "A juventude é um tempo

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

para ser salvo. Vocês não são jovens demais para morrer, nem muito jovens para serem julgados, e, portanto, também não são jovens demais para serem levados a Cristo. Não se contentem em ouvir sobre Cristo de seus mestres. Ore para que Ele seja revelado a vocês". Crianças foram convertidas no avivamento. No final de 1839, alguns solicitavam admissão à Mesa do Senhor, quatro que tinham apenas quatorze anos, e três que tinham quinze ou dezesseis anos.

Profundamente comovente é o seu relato da experiência espiritual de James Laing, intitulado "Another Lily Gathered" [Outro Lírio Reunido]. De vez em quando o menino mostrava alguma preocupação, mas depois passou como a nuvem da manhã e o orvalho que cedo passa. Enquanto em Glams, em 1841 (ele tinha treze anos na época), ele ficou profundamente comovido sob um sermão que ouviu em uma reunião. Ele gostaria de ter ido ouvir seu próprio ministro, M'Cheyne, pregar; ele estava no bairro na época, mas ele estava muito fraco para fazer a viagem para lá. Ele era muito sensível e estava em Glams para o bem da sua saúde. Em outubro, ele estava muito doente e ansioso com a sua alma. "Oh, Jesus, salve-me! Salva-me!", ele clamava. Depois de uma visita de M'Cheyne, que lhe falou muito claramente sobre Jesus ter vindo ao mundo para salvar os pecadores, ele passou o resto de seus dias de joelhos, clamando por misericórdia. Naquela noite, ele encontrou misericórdia. As palavras: "quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós", tornaram-se particularmente preciosas para ele naquela noite. Muitas vezes M'Cheyne visitou o menino moribundo, expondo-lhe alguma passagem da Escritura. Ele adquiriu uma compreensão bastante notável da verdade em um tempo muito curto. Ele estava com muita dor, mas quando pensou que o Senhor Jesus sofreu por ele, isso trouxe alívio para sua dor. "A minha dor não é nada em relação a que Ele sofreu", disse ele. Ele tinha uma grande preocupação pela salvação dos outros. Ele falou com as crianças da Escola Dominical que foram à sua casa para vê-lo pouco antes de morrer. Ele exortou-os a irem para o Cristo que o salvou e ele os advertiu sobre o inferno: "Considerem, Ele está disposto, e oh, sejam sinceros. Vocês não O obterão, a menos que sejam sinceros!". Ele lamentou ao seu ministro que, embora permancesse convidando-os a Cristo, "eles não querem vir!". Ele estava constantemente pedindo àqueles que vinham vê-lo para buscarem a Cristo. No dia 11 de Junho de 1842, há poucas semanas do seu décimo quarto aniversário, ele adormeceu em Jesus. Devemos buscar a salvação das crianças, e não tenham medo de colocar as verdades bíblicas claramente diante delas. Ninguém nunca entenderá a menos que o Espírito Santo lhes conceda o entendimento. Ele é capaz de fazer isso para uma criança, como para um adulto.

M'Cheyne era um homem de espírito universal — católico, no verdadeiro sentido do termo. Ele realmente amava o povo de Deus, qualquer que fosse o seu rótulo denominacional. Ele era claro em sua mente em relação aos seus próprios princípios. Ele cria que os encontrou na Bíblia, e se agarrou a eles tenazmente. Mas, tinha prazer de desfrutar da comunhão com

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/RobertMurrayMCheyne

outras pessoas que ele acreditava serem vitalmente unidas a Cristo. Ele não teve nenhuma dificuldade em participar da Ceia do Senhor em um cenáculo em Jerusalém, apesar de ter sido dispensado, de acordo com a prática dos Episcopais. Ele cita com aprovação, o comentário de Calvino ao Arcebispo Cramner, que atravessaria dez mares para sentar-se com ele à mesa do Senhor. Este catolicidade de espírito mostrou-se, em seu ter ministros dissidentes ocupando o púlpito na ocasião, quando ele estava doente. Quanto a isso, ele foi perguntado por um correspondente de um jornal de Dundee. Em resposta, ele de forma calma, mas vigorosa afirmou que ele cria ser a base bíblica de livre comunhão ministerial entre os ministros de Cristo. Seu princípio era de que, se um ministro era um verdadeiro servo de Cristo, chamado para o ministério, são na doutrina, sóbrio em sua vida, e submisso a Deus em sua pregação, ele poderia recebê-lo em seu púlpito, embora suas crenças e as deles diferissem sobre questões não-fundamentais. Ele ressalta que Calvino reconhecia Lutero como um servo de Cristo, mesmo quando ele estava enfadando-o com abuso; e que Samuel Rutherford teve o Bispo Usher ocupando o púlpito de Anworth. Ele detestou o Ato de Assembleia de 1799, que impediu piedosos ministros ingleses, como Charles Simeon de Cambridge, de pregarem nos púlpitos da Igreja da Escócia. Essa lei, aprovada num momento em que os Moderados estavam em ascensão foi revogada quando os Evangélicos se tornaram mais influente. M'Cheyne se alegrou com a sua revogação. Ele jamais permitiria a pregação infiel em São Pedro, ele apenas amava ouvir a mensagem do Evangelho sendo proclamada por homens fiéis de Deus de vários ramos da Igreja de Cristo.

Como um clérigo, Murray M'Cheyne foi um membro fiel da Igreja da Escócia. Ele foi mais fortemente contrário à intrusão, por patronos leigos, de ministros indesejados em igrejas paroquiais. Ele acreditava apaixonadamente na independência espiritual da Igreja. Quando, em 7 de março de 1843, a causa da Igreja foi debatida na Câmara dos Comuns, ele escreveu: "Foi uma noite agitada no Parlamento Britânico! Uma vez mais o Rei Jesus está em um tribunal terreno, e eles não O conhecem!". Se tivesse vivido mais algumas semanas, ele teria deixado São Pedro para se juntar a outros 474 ministros da Igreja na separação a partir do Estabelecimento.

Em conclusão, deixe-me referir novamente a paixão de Robert Murray M'Cheyne pela santidade. Ele nunca esteve satisfeito com a seu próprio porgresso na vida santa, e esteve sempre buscando uma maior semelhança com o seu Mestre. Por isso, ele deixou uma impressão no crente e no descrente. Uma senhora em um hotel em Alexandria, no Egito, estava reclamando altamente que Cristãos professos nada mais são do que hipócritas: "Você nunca, em toda sua vida, viu um seguidor do Senhor Jesus em quem você acreditou?", perguntou alguém que ouviu o seu discurso. Houve uma pausa. Mais calma, ela então disse: "Sim, eu vi um... um homem, um ministro neste hotel. Um homem alto e magro da Escócia, ele era um homem de Deus, eu o vi e senti que ele era um Cristão genuíno. Seu próprio olhar

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

fez-me bem". Sua vida santa deixou uma impressão em alguém que lhe era totalmente desconhecido. Oh, que hoje nós obtivéssemos uma paixão pela santidade como a dele.

"A tal santidade eu nunca poderei alcançar". É isso o que você disse? Certamente é importante ser humilde. No entanto, devemos lembrar que não era Robert Murray M'Che-yne que fez a si mesmo o homem santo que ele se tornou. A graça de Deus fez dele o homem que ele era. Em uma carta, depois de lamentar a sua própria corrupção, ele declarou: "Eu muito anelo ser livre do eu, do orgulho e da impiedade. E eu sei para onde ir, pois todas as promessas de Deus são Sim e Amém em Cristo Jesus". Esta graça, se você e eu somos filhos de Deus, está operando em nós. Que possamos anelar por santidade; a desejemos, como o fez M´Cheyne.

M'Cheyne reconheceu sua dívida para com o ilustre Jonathan Edwards. Você fará de sua resolução aquela de Edwards? "Sobre a suposição de que nunca haverá apenas um indivíduo no mundo, a qualquer tempo, que foi propriamente um Cristão completo em todos os aspectos de um correto posicionamento, tendo o Cristianismo sempre brilhado a sua luz verdadeira, e evidenciando excelência e amabilidade de onde quer que surja, ou sob quaisquer características contempladas; resolvi, agir exatamente como eu faria se eu empenhasse com toda a minha força, para ser este único que viveria em meu tempo".

ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO use estas palavras para trazer muitos
Ao conhecimento salvador de JESUS CRISTO.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no T empo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbítrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

1 Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
2 Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. 3 Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. 4 Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. 5 Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. 6 Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. 7 Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. 8 Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. 9 Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; 10 Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; 11 E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. 12 De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. 13 E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. 14 Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. 15 Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. 16 Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. 17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; 18 Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.